

“NOITE DE ALMIRANTE” DE MACHADO DE ASSIS:
UM POVO DE SUBÚRBIO

“ADMIRAL’S NIGHT” BY MACHADO DE ASSIS: A
SUBURBAN PEOPLE

Eufrida Pereira da Silva

Ph.D em Luso-Afro-Brazilian Studies
and Theory, University of Massachusetts
Dartmouth

Resumo: “Noite de almirante”, de Machado de Assis, foi publicado em 1884 na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e em *Histórias sem Data* no mesmo ano. No conto, um triângulo amoroso é vivido por um povo de subúrbio como Genoveva, Deolindo e José Diogo. Deolindo, ao saber que foi traído, ele que fez juras de amor, passou a fazer promessas de morte. O caráter frívolo da moça, a farsa da noite de almirante e a vida imprevisível do mascate mundo afora formam um turbilhão que colide com os ideários dos discursos inaugurais de uma nação recém-independente com pretensões de unidade, civilização e ordem. A discussão é tratada segundo Schwarz (2000), DaMatta (1997), Candido (1970) e Schwarcz (2000).

Palavras-chave: Machado de Assis, Noite de almirante, nação, povo, subúrbio.

Abstract: “Admiral’s Night”, by Machado de Assis, was published in 1884 in Rio de Janeiro’s *Gazeta de Notícias* and in *Histórias sem Data* in the same year. In the short story, a love triangle is experienced by suburban people like Genoveva, Deolindo and José Diogo. Deolindo, when he learned that he was betrayed, he who swore love, started making promises of death. The frivolous character of the girl, the farce of the admiral’s night and the unpredictable life of the peddler around the world form a vortex that collides with the ideals of the inaugural speeches of a newly independent nation with pretensions of unity, civilization and order. The discussion is treated according to Schwarz (2000), DaMatta (1997), Candido (1970) and Schwarcz (2000).

Keywords: Machado de Assis, Admiral’s Night, nation, people, suburb.

1. Os ideários de nação em disputa

A “metáfora de marujo, como um ‘homem que vai do meio caminho para terra’” (Machado de Assis, 2006, p. 448), bem ilustra a vida incerta dos mareantes pelo mundo afora. Publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1884, “Noite de almirante” foi posteriormente incluído na coletânea *Histórias sem Data* do mesmo ano. O conto é um desses enredos, entre terra e mar, que ao estilo difuso e de anedotas, narra as vicissitudes, amores e decepções de um marinheiro com uma paixão ancorada no subúrbio carioca. Entre duas ou três anedotas, o triângulo amoroso se dá entre a cabocla Genoveva, o mascate José Diogo e o marujo Deolindo, o Venta-Grande. Uma trupe de personagens deslocada “a meio caminho”, enredados pela famigerada noite de almirante, que a não ser pelo caráter malicioso e mofa dos companheiros de bordo, na verdade, esta nunca existiu. Entre uma e outra farsa, peça de dramalhão, o povo que emerge do subúrbio carioca em “Noite de almirante” é o dos populares de fronteira, nem lá, nem cá dos ideais fundacionais da nação recém-independente. A cabocla Genoveva, de moral duvidosa, José Diogo, Deolindo e mesmo a velha Inácia com seus esquemas familiares improvisados podem ser lidos na perspectiva de carnavalização do grande projeto inaugural de um império nos trópicos, pois segundo Schwarcz (2000), os ideários monárquicos

imperiais de nação recém-independente colocavam no horizonte a construção de uma nação homogênea, ordeira e pacífica. Na análise de Schwarz (2000, p.11), o estilo difuso, adotado por Machado, é um “dispositivo literário [que] capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita [...], um espetáculo histórico-social complexo”.

Com a independência em 1822, o Estado brasileiro passou a sustentar os ideários de uma monarquia imperial nos trópicos adotando os ideais da civilização ocidental. O pensamento da realeza era “integrar” a nação e as “diferenças locais”, trazendo no seu bojo o sentido de missão e uniformidade. (SCHWARCZ, 1998, p. 38). Para além de “integrar”, a realeza aspirava construir uma nação segura e civilizada. Portanto, a imagem que se ergueu nestes discursos inaugurais, foi de um povo unido, o que não levava em conta as diferenças locais. Em contraste a uma representação racial homogênea, a realidade brasileira (in)surgia como um laboratório de raças constituído por aborígenes, africanos e mestiços. Mais adiante, a partir de 1870, a mestiçagem passou a ser vista como ameaça para a formação da “verdadeira” identidade nacional e obstáculo ao país que sonhava alcançar o esplendor da civilização. Já na Era Vargas, nos anos 30, Freyre interpretava culturalmente a realidade do Brasil mestiço que passava, então, de desalento à fortuna. De lá para cá, as cores do país têm sido interpretadas pela representação de povo de convivência racial pacífica,

diferente, exótico e espetacular. (SCHWARCZ, 2000, p. 240). Já na transição do século XIX, na República, o Estado moderno foi regido pela ideologia do progresso, e os ideários de nação civilizada, de povo branco e ordeiro ocuparam a agenda do debate nacional.

Bhabha (2003, p. 209) analisa o sentido de nação contrariando o pensamento de comunidade imaginada homogênea ou essencialista, interpretada no sentido de “Povo como Um” e de “Território” como o lugar da “Tradição”. Segundo o autor, os limites coesos da nação ocidental podem facilmente se transformar em liminaridade interna contenciosa de onde se fala “como” e “sobre” a minoria, o exilado, o marginal e o emergente. Na modernidade, o povo emerge numa série de discursos de movimento narrativo duplo e por entre as fronteiras do espaço-nação. Ao evocar e rasurar o cotidiano com os seus trapos, retalhos e fragmentos da vida diária, repletos de significação cultural, o povo estabelece uma ambivalência discursiva de conflito e de subversão. Os discursos do povo-nação perturbam as manobras ideológicas puristas, assim como corrompem as fronteiras totalizadoras, consensuais de imaginário de nação como homogênea e horizontal. Em oposição à polaridade, a nação encontra-se dividida no interior dela própria articulando a heterogeneidade de sua população. Com espaço liminar de significação, a nação é marcada internamente por discursos de minorias, por histórias heterogêneas de povos em disputa, por

autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (Ibid., p. 212). Com representação ambivalente e vacilante, dispersos pela experiência da migração, estes povos se reúnem às margens das culturas estrangeiras, e deslocados historicamente, estas minorias colocam em suspensão as lógicas discursivas, transformam a nação em lugar de subversão e acendem o debate sobre a “mundanidade”.

Segundo Schwarz (2012, p. 168), o processo de descolonização, assim como a Independência, adquiriram feições próprias no Brasil. Embora este processo tenha se apoiado em ideias oriundas de instituições liberais europeias e norte-americanas, a contradição foi que se conservou muito das formas econômicas da Colônia, o que produziu um desajuste na base. A mesma elite nacional, que em certa medida, buscava se identificar com o liberalismo, a modernidade e a civilização, procurando se inserir no concerto das nações modernas, por outro lado, aprofundava as formas de exploração colonial do trabalho. “O paradoxo era gritante no Brasil onde o trabalho escravo e o tráfico negreiro não só não foram abolidos, como prosperaram notavelmente durante a primeira metade do século XIX”. O ideário moderno de um lado, em contradição à estrutura social e econômica engendradas no país, formavam uma dissonância vexatória e isto se tornou um defeito característico da vida nacional. Esta diferença, ao invés de se tornar um vestígio do passado fadado ao desaparecimento, constituiu, todavia, um

traço substantivo da atualidade periférica. Pode-se dizer que tal paradoxo, comédia ideológica original, distinta da europeia, com humilhações, contradições e verdades próprias, dizia respeito não somente ao Brasil, mas ao conjunto da sociedade contemporânea (p. 69). Tal diferença, que expunha uma sociedade em conflito com ela mesma, foi captada como dispositivo literário por Machado, que explorou as contradições e o anacronismo entre as práticas locais e a assimilação de ideais estrangeiros. Um esforço reinante de construção de uma “literatura empenhada”, uma tradição patriótica do nosso romance com fome de espaço e ânsia topográfica de apalpar o país (CANDIDO, 1959, p.114). “Noite de almirante”, como subúrbio a meio do caminho, traz o povo zombeteiro da Gamboa, que carnavaliza as convenções puristas de processos de formação dos espaços hegemônicos, desestabilizando os ideais nortecêntricos para a nação recém-independente.

2. Um povo a meio do caminho

Escrita como historieta de subúrbio ao estilo de anedota, o conto “Noite de almirante” foi ambientado numa arquitetura de zigue-zagues pelas ruas e cais do Rio de Janeiro dos Oitocentos. Com malandragem própria, os personagens transitam nas paragens da Praia e Saúde até ao princípio da Gamboa, onde morava

Genoveva. Ao revés dos romances de aventuras que narram as nações imperiais exibindo façanhas e conquistas de seus desbravadores, neste enredo, cômico e supostamente picante, não faltam paixões, humilhações e traições, para além de pensamentos violentos de Deolindo portando uma faca de bordo ensanguentada. Interpretados como grupos sociais subalternizados, esta população livre, que ocupa os arredores da cidade, são personagens rebeldes com destino duvidoso e de arrependimento incerto. Diria Machado (1994, n.p.) sobre uma Luísa queirosiana: “por Deus! dê-me a sua pessoa moral” e não um títere. E continua [...] “para que Luísa me atraia e me prenda, é preciso que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecações”. Sem remorsos, pobre, católica devota de “Nossa Senhora” que mantém “em cima da cômoda”, e “muxoxos” de Luanda, Genoveva é uma “caboclinha de vinte anos, esperta, olho negro e atrevido”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 447). Ao mais, dispõe de mobília modesta e acanhada. “Chora, menina, chora/, chora porque não tem/ Vintém (MACHADO DE ASSIS, 2006, cap. XVIII), a letra do pregão do vendedor de doces em *Dom Casmurro*, 1900, bem pode ecoar na descrição da casinha de Genoveva. Espelho de pataca, a casinha era “tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco [...]. Semelhante condição econômica também se destaca a vida de Deolindo, pois “foi à custa de muita economia

que comprou em Trieste um par de brincos, que leva agora no bolso com algumas bugigangas”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 447).

Deolindo, o “Venta-Grande”, consoante alcunha de bordo, também atendia pela “fina flor dos marujos”. Este conheceu Genoveva três meses antes da saída da corveta para uma viagem de instrução. O sentimento nascia forte, pois o casal estava disposto a mover céus e mar por tamanha paixão. Os planos eram que Deolindo deixaria o serviço e a cabocla o acompanharia até mesmo para a vila mais recôndita do interior, um pouco de Yonville l’Abbaye aos moldes de Flaubert. O ideal romântico de se recolher para desfrutar uma vida amena durou dez meses, “a corveta tornou e Deolindo com ela”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 446). O marujo, ao saber que Genoveva se apaixonara por José Diogo, ele que fez juras de amor, passou a fazer promessas de morte; o mascate, cheio de conversa, foi a pedra de tropeço dos votos.

Entre terra e mar, estes desclassificados se alojam no espaço “entre”, nem lá, nem cá dos padrões sociais e morais vigentes. Sem pertencimento, prestígio, honra ou glória, esta trupe afeta os discursos fundacionais de nação ordeira e pacífica. A vida de mascate, José Diogo, e a de marujo, de porto em porto, de Deolindo, estes personagens mascarados por alcunhas, no seu duplo ou triplo, juntamente com a volubilidade de Genoveva, evocam um cotidiano com fragmentos de vida repletos de significação cultural como povo

ambivalente e de fronteira. Nas palavras de Anderson (2008), a nação é imaginada, pois os membros, ainda que da menor das nações, jamais conseguirão, sequer, ouvir falar da totalidade de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem construída vivamente de uma comunhão. Com culturas disseminadas nas margens da “Prainha e Saúde”, “cemitério dos Ingleses” ou mundo afora em “Trieste” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 447), estes personagens colocam em xeque as discursividades de nação homogênea e consensual, e escapam da totalidade de “Todos como Um”.

2.1 José Diogo: “sem paragem fixa”

Mercador de sua terra e sem paragem fixa, José Diogo é um andarilho “mascate de fazendas”. Chamava-se José Diogo e como um bom vendedor, tinha um estilo de contador de histórias cheio de “ave-marias”, “conversas” e “cantiga na porta da velha Inácia”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 448). Esta feição de massa sem ocupação certa, obrigada a levar a vida ao acaso dos serviços e vivendo de gatunagens, foi explorada por Candido (1970, p. 88):

Na limpidez transparente do seu universo sem culpa, entrevemos o contorno de uma terra sem males definitivos ou irremediáveis, regida por uma encantadora neutralidade moral. Lá não se

trabalha, não se passa necessidade, tudo se remedeia. [...] Mas como ele visa ao tipo e ao paradigma, nós vislumbramos através das situações sociais concretas uma espécie de mundo arquetípico da lenda, onde o realismo é contrabalançado por elementos brandamente fabulosos: nascimento aventuroso, numes tutelares, dragões, escamoteação da ordem econômica, inviabilidade da cronologia, ilogicidade das relações.

Em diálogo com Candido sobre a neutralidade moral deste paraíso nos trópicos, DaMatta (1997) analisa a malandragem à brasileira na perspectiva do constante movimento, o personagem em trânsito a exemplo de Pedro Malasartes. Como andarilho, este malandro se locomove nas zonas ambíguas da ordem social, e por isso a dificuldade em definir o certo ou errado, o justo e o injusto. Bom de conversa, e sem trabalho fixo, o malandro vive de expedientes aqui e acolá em busca de uma ocupação, que, no fim, constitui uma aventura. Em constante movimentação, esse trabalhador pobre tem que se mexer, sair de casa em busca do pão de cada dia. Se analisado segundo a feição do trabalhador brasileiro, José Diogo é um eterno andarilho, incapaz de reproduzir-se como categoria social. Como mascate de fazendas, é desprovido de uma estrutura social como origem, lar e família: “está lá para os lados de Guaratiba com a caixa; deve voltar sexta-feira ou sábado ... E por que é que você quer saber? Que mal lhe fez ele?”. (MACHADO DE ASSIS,

2006, p. 446). Como tal, ele não tem paragem certa, tempo para retornar ou família que o reclame.

DaMatta (1997, p. 35) analisa esta falta de pertencimento na perspectiva da imigração. Como massa individualizada, deslocada de seus locais de origem e sem apadrinhamento social, estes indivíduos não possuem representação alguma. Na discussão de Bhabha (2003, p. 2011), “como tantos outros desse tipo, cujas famílias estão fragmentadas na diáspora do exílio, em codinomes, em atividades secretas”, para estas pessoas, ter uma casa e laços reais são coisas para os que virão depois. O dispositivo literário machadiano que suspende a narrativa para onde quer que se observe, constitui para Schwarz (2006, p. 11), uma “expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular [...] nos antípodas da pátria romântica”. Esta sociedade que vive o anacronismo de sociedade escravista e burguesa ao mesmo tempo, definida em termos drásticos da dominação de classe, é traduzida na forma literária com lucidez social, insolência e despistamento.

Para Schwarz (2012, p. 174), “o grosso do serviço cabia aos escravos, os demais pobres ficavam sem meio regular de ganhar o seu sustento. Nem escravos nem senhores, eles eram economicamente supérfluos, o que os levou a desenvolver traços peculiares”. Desterrados em sua própria terra, a suspensão de uma vida ao modo “*regular guy*”, o mascate, assim como Deolindo, carecem de qualquer forma de estabilida-

de. Se moradores do subúrbio carioca ou errante por terra e mar, estes homens apaixonados à procura de romance, fato é que até mesmo no porto, onde tentam se anconchegar, o “colozinho de Genoveva”, também é de certeza duvidosa.

2.2 O caminho sinuoso para Gamboa: o espaço shandiano

O caminho sinuoso percorrido por Deolindo até à casa de Genoveva, dá a nota da construção moral suspeita do viajante: “lá vai ele agora, pela rua de Bragança, Prainha e Saúde, até ao princípio da Gamboa, onde mora Genoveva”. [...] “não sabia o número de casa, mas era perto da pedreira, pintada de novo, e com auxílio da vizinhança poderia achá-la». (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 446). Para Rouanet (2004, p. 346), o espaço na escrita shandiana perde o seu sentido topográfico para se transformar numa extensão abstrata, o espaço geométrico se desmaterializa para se transformar em vivência subjetiva. Ao contrário da precisão e programação do caminho em linha reta dos viajantes do *Grand Tour* dos jovens ingleses, “o espaço shandiano se parece ao romance picaresco, como no *Lazarillo de Tormes* ou no *Quixote*”.

Ao estilo do romance picaresco, Deolindo não sabe o número da casa da moradora e nem caminha por ali em linha reta. O marujo se guia por informações

vagas e imprecisas; e neste caso, vale a ajuda da vizinhança. Segundo Barros (2004, p. 252), ao falar sobre os homens do mar portugueses, afirma que estes tinham fortes laços com seu povo de origem, pois o marreante é também um homem da terra de relações sociais com estreitos laços vicinais de contiguidade com a comunidade. Estas relações cingem a esfera pública com a privada, em que não raras, os relacionamentos íntimos são expostos em confusões públicas. Neste tom, em meio à participação pública, é que Deolindo toma conhecimento da atitude da maluca da Genoveva com José Diogo. De modo familiar e paroquial, a velha Inácia disse que não se zangasse, assim como deu avisos de prudência ao marujo. Entre algumas ideias que marinhavam-lhe no cérebro, “rutilou a faca de bordo, ensanguentada e vingadora”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 451). Passada a confusão, no dia seguinte, o viajante contorna a versão da noite de almirante para os amigos. Segundo Pereira (s.d.), o marujo transforma a anedota erótica em “anedota de um engano”. Longe da densidade e preocupação com uma experiência de formação estruturada e exitosa, Deolindo é o retornado, desprovido de heroísmo e glória que confina “vergonhosamente o fracasso no próprio peito”.

2.3 A casa da mentira: Genoveva, alegre e barulhenta

A “casa da mentira” ou “casa do adultério” é termo cunhado por Bhabha (2003, p. 28), ao analisar o multiculturalismo como “casa silenciosa da camuflagem revolucionária”, a “casa a meio caminho,” onde as diferenças culturais são negociadas. Esta análise bem pode nos levar à casa de Genoveva com as gelosias flexíveis e escuras. A casa com rótula pintada de novo na praia Formosa, antes de chegar à pedreira, mora Genoveva, e a considerar os hábitos da moradora, o narrador a “desiste de definir melhor”. (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 449). As “rótulas” ou janelas de treliça, também denominadas de gelosias, estas funcionavam como elemento arquitetônico que permitiam às mulheres, por trás das varinhas de xadrez, observarem o movimento das ruas sem serem vistas, segundo Pinto (n.p.), preservando a intimidade das senhoras.

Figura 1 - Técnicas construtivas do período colonial - III

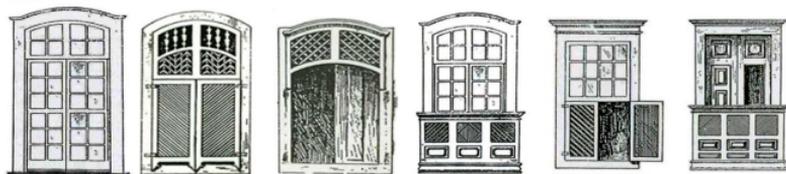


Fig 1. - Técnicas construtivas do período colonial - III (<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/>)

No conto, a casa de Genoveva com “uma rotulazinha escura”, (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 446) foi ressignificada em tom de erotismo e desfaçatez afetando o rígido controle imposto às mulheres do século. Del Priore (1999) analisa o papel social da mulher do período colonial pela compostura sisuda e pelo decoro, em que o isolamento deixavam-nas totalmente disponíveis para a companhia de seus maridos. Ainda, era costume de que mulheres recatadas não usassem perfumes, loções ou joias, evitando, assim, chamar a atenção dos homens. Aversa ao costume, Genoveva tem seus olhos para o par de brincos que Deolindo lhe trouxera como presente (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 450). De outra feita, sentada à janela, cosendo, “levantando-se, abriu a rótula e fê-lo entrar. Qualquer outro homem ficaria alvoroçado de esperanças, tão francas eram as maneiras da rapariga”. (Ibid., p. 448). Afora o erotismo no movimento da moça, aquele “pedacinho de gente” sempre foi chiste malicioso na boca dos rapazes, associando-a à comida e à música, segundo

Pereira (s.d.): “ceia, viola e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 447). Não sem razão que a velha Inácia sofria com a possibilidade de ver a sua casa difamada pela vizinhança! Com tais pretensões, o marujo bem que insistiu em retomar o juramento, falou em ingratidão, mas a moça rebatia falando de promessas num mundo desregrado; pois fato é que quando ela “jurou, era verdade” (p. 448). Dos ridículos do mundo, verdade é que Deolindo não se matou. Ao invés disso, passou a contar histórias que Genoveva escutava com atenção. Livre, alegre e ingrata, a cabocla rompe com o devir de moça pobre e infeliz. Por trás das varinhas de xadrez, a protagonista controla o movimento das ruas, decide por quem se apaixonar, dobra e desdobra em flexibilidades de ver, sem ser vista. Dissuasiva, voltar a coser o seu corpinho azul! A movimentada casinha do engano na praia Formosa se torna lugar da camuflagem revolucionária, o espaço dissidente de possibilidades onde se criam narrativas por cima.

3. Livremente interessada e presa

A noite cai! O final do conto é de um lirismo comovente, e o ritmo da narrativa, com a noite, adensa-se. Em tom reflexivo, o conto retoma as fragilidades da vida, como paixões fracassadas, juras e dores, pois a natureza inexoravelmente cumprirá o seu curso, não

importam quão acachapantes sejam as manobras de relativização. Chegou a hora de acender uma vela e se sentar na soleira da porta para ouvir as histórias encantadas. Vejamos em “Noite de almirante” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 450):

Com efeito, a noite ia caindo rapidamente. Já não podiam ver o hospital dos Lázaros e mal distinguiam a ilha dos Melões; as mesmas lanchas e canoas, postas em seco, defronte da casa, confundiam-se com a terra e o lodo da praia. Genoveva acendeu uma vela. Depois foi sentar-se na soleira da porta e pediu-lhe que contasse alguma coisa das terras por onde andara.

Neste cenário, onde as linhas não contornam mais o que é hospital ou ilha, a dor dos lazarentos ou a delícia dos melões, a reflexão é que o fim alcança a todos, como o enredo que inexoravelmente caminha para o seu desfecho. Ainda que “canoas postas em seco,” estas fatalmente juntar-se-ão ao lodo, rapidamente, mais à noite. Nesse Machado melancólico, que analisa o ser humano como errata, Deolindo amarga a sua vergonha confinando-a ao próprio peito: “ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 451). Mentiu, mas quem o julgará? Castro Rocha (2013) afirma que o adultério em Machado, sob o império do efêmero, é contextualizado fora da perspectiva do juiz severo. Ao

invés disso, opera um observador arguto capaz de analisar como se dão as relações humanas. E continua:

É como se o adultério merecesse o perdão imediato: sob o império do efêmero, como p r e - tender fidelidade a valores absolutos? Não se trata mais de ‘crime,’ mas de circunstância ordinária; aconteceu com Genoveva, é certo, mas como assegurar que não ocorrerá com o leitor? (75)

Esta discussão que envolve a isenção de julgamento, para além do “juiz severo”, é também discutida por Villaça (QUEM, 2018). Na sua análise, a observação das criaturas e de suas relações, faz parte da lucidez profunda machadiana que consiste em enxergar todos os ângulos e perdoar a todos, porque a história humana não escapa às imposições e soberania da natureza. “A culpa é da natureza”, diria, dolorosamente, a escravizada quase senhora em “Mariana”, 1871 (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.778). Perdoar, foi o que restou a Deolindo que passou a contar histórias! Genoveva acendeu a vela e, interrompidos por uma vizinha, também fê-la sentar-se para ouvir “as bonitas histórias que o Sr. Deolindo estava contando” (p. 450). Na análise de Candido (1989, p. 117), a literatura envolve um “afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. Foi assim que Deolindo passou a cultivar a boa disposição para o próximo (MACHA-

DO DE ASSIS, 2006, p. 450). Ao narrar, Deolindo é um outro, e, Genoveva livremente presa.

4. Considerações finais

Na tentativa de captar as contradições de um ideal de Estado ordeiro e civilizado, o dispositivo literário em forma de descontinuidades realça a estrutura contraditória do país pelas diferenças locais. A volubidade dos sentimentos da “cabocla”, de caráter frívolo, numa sociedade que reinava o modelo de “pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados” (DEL PRIORE, 1999, p. 9); a presença desestabilizadora de Genoveva, como moça pobre, infiel, bem articulada e encantada por histórias colide com ideário de povo puro e homogêneo. Enquanto a nação buscava se moldar aos valores da civilização nortecêntrica, ficava também evidente a cultura local arraigada em estruturas coloniais justaposta ao caráter postiço dos caminhantes e viajantes farsantes, mascate ou marujo, afetando as margens de uma representação una. Estes dois personagens, por terra ou Atlântico afora, a contrapelo dos discursos inaugurais, escapam da representação de povo pacífico e vencedor, pois José Diogo, um Arlequim ágil e malandro, não tem paragem fixa, trabalho e família; e Deolindo, um “zanni” simplório e divertido, foi um fracassado na sua jornada amorosa, mote do seu retorno e destino. A presença desses popula-

res deslocados nos arrabaldes da cidade e mundo afo-
ra, corrompem os ideários de uma nação homogênea,
segura e desestabilizam o imaginário de construção
de um império nos trópicos.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, Amândio Jorge Morais. Vida de marinheiro. Aspectos do quotidiano das gentes do mar nos séculos XV e XVI. *Revistas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. 2004. Disponível em: < <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4966.pdf>>. Acesso em: 05 jun 2021.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem*. (Caracterização das memórias de um sargento de milícias). In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 8, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. v. 2. São Paulo: Martins, 1959.

CASTRO ROCHA, João Cezar. *Machado de Assis: Por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *A família no Brasil colonial*. São Paulo: Ed. Moderna, 1999.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Eça de Queirós: o primo Basílio. In: *Machado de Assis: Obra Completa*. Vol. III. Rio de

Janeiro: Nova Aguilar S.A, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Sol, 2006.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Mariana. In: *Machado de Assis: Obra Completa*. Vol. II. (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 1994, pp. 771- 783.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Noite de Almirante. In: *Machado de Assis: Obra Completa*. Vol. II. (Org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 2006. 446 - 451.

PEREIRA, Marcelo de Souza: Noite de Almirante: dia de anedota. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

PINTO, Estêvão. Técnicas construtivas do período colonial - III. In: Maxarabis e balcões. *Arquitetura Civil II*. Textos Escolhidos Revista do IPHAN. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975. Disponível em: < <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/>>. Acesso em: 23 jul 2018.

QUEM somos nós? Memórias póstumas de Brás Cubas por Alcides Villaça. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (1:06:34). Publicado pelo canal youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cgAipCt8teE>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROUANET, Sergio Paulo. Tempo e espaço na forma shandiana: Sterne e Machado de Assis. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 51, p. 335-354, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/NtM48XQxMKR4NdppKJgy94R/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. Ensaios e Entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. Machado de Assis. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.